

## **CÍCERO E ARCHIA EM DEFESA DA EDUCAÇÃO: AS BASES SÓLIDAS DA TRADIÇÃO HUMANÍSTICA DE ENSINO**

*Stephanie Cunha dos Santos da Silva* (UFF)

[cunhastephanie@id.uff.br](mailto:cunhastephanie@id.uff.br)

*Leonardo Ferreira Kaltner* (UFF)

[leonardokaltner@id.uff.br](mailto:leonardokaltner@id.uff.br)

### **RESUMO**

O objetivo do presente trabalho é apresentar a tradução de fragmentos do discurso *Pro Archia*, do orador romano Cícero, tecendo comentários de cunho linguístico e historiográfico a respeito da construção do pensamento ciceroniano, que serviu posteriormente de base para fundação do humanismo. Tendo por aparato metodológicos os propostos pela historiografia linguística de Konrad Koerner e Pierre Swiggers, em seus princípios de contextualização, imanência e adequação, o trabalho pretende ainda pensar de que maneira os escritos de Cícero colaboraram na fundação do movimento intelectual que ficou conhecido como humanismo. Sendo, desta forma, um trabalho interdisciplinar entre as áreas de história e letras, que visa apontar as continuidades do pensamento ciceroniano nas histórias das ciências.

#### **Palavras-chave:**

**Archia. Cícero. Humanismo.**

### **ABSTRACT**

The objective of the present work is to present the translation of fragments of the *Pro Archia* speech of the Roman orator Cicero, making linguistic and historiographical comments about the construction of the Ciceronian thought that later served as a basis for the foundation of humanism. Having as methodological apparatus those proposed by the linguistic historiography of Konrad Koerner and Pierre Swiggers, in their principles of contextualization, immanence and adequacy, the work also intends to think about how Cicero's writings collaborated in the foundation of the intellectual movement that became known as humanism. Thus, it is an interdisciplinary work between the areas of history and letters, which aims to point out the continuities of Ciceronian thought in the history of science.

#### **Keywords:**

**Archia. Cicero. Humanism.**

### **1. Introdução**

Dada a crise sanitária mundial, em decorrência da Covid-19, muitos foram os setores da sociedade que foram afetados, e cada vez mais se buscou respostas a respeito da melhor maneira de passar pela pandemia. O setor da educação não foi diferente, foram diversas as propostas para

reformar, revitalizar e repensar o ensino em um momento de instabilidade social, tendo sempre como principal questionamento: qual melhor modelo de educação? O presente trabalho não visa responder a tal pergunta, promovendo especulações e hipóteses do que seria o mais adequado, e sim localizar as bases do ensino humanístico que até a atualidade pode ser observado nas instituições de ensino superior e na construção dos saberes nas escolas. Para tanto, debater-se-á o discurso que Cícero profere no Senado em defesa de Archia, onde ele aborda princípios que foram chave na fundação do pensamento humanístico.

Para cumprir as metas, a metodologia selecionada é a proposta por Pierre Swiggers (2014) e Konrad Koerner (2014), que em seus trabalhos propõem três princípios fundamentais para o proceder do historiógrafo, a saber: o princípio da contextualização, o da imanência e o da adequação. A contextualização é quando se estabelece um clima de opinião que permite ao historiógrafo (ou historiador) compreender melhor o quadro social, político, econômico, filosófico e cultural no qual o objeto em análise está inserido (Cf. LIMA, 2016). A imanência, por sua vez, é o momento em que o pesquisador se envolve em certa medida, pelo clima da época, mergulhando mais profundamente na análise documental (Cf. LIMA, 2016). Já a adequação, é a fase da pesquisa onde é o momento onde, segundo Nelci Vieira de Lima (2016), “o historiógrafo pode arriscar-se em fazer comparações entre o objeto pesquisado e sua época e as teorias linguísticas de seu tempo” (LIMA, 2016, p. 7).

Tendo em mente o que Pierre Swiggers afirma “em face dessa complexidade da história da linguística, o objetivo fundamental do historiador é o de reconstruir o ideário linguístico e seu desenvolvimento através da análise de textos situados em seu contexto” (SWIGGERS, 2014, p. 43). Assim, o pesquisador atua como um “observador”, um “leitor crítico” e um “intérprete” do curso evolucionário dos conhecimentos linguísticos (Cf. SWIGGERS, 2012). Desta feita, seguindo a proposta de Swiggers (2014) o ponto de ancoragem da pesquisa é o pensamento de Cícero, a linha de desenvolvimento é a relação desse pensamento com o tempo e o termo t-teorético é a *humanitas*.

## **2. Roma e as filosofias gregas: a formação do orador**

Para entender os escritos do orador romano, é preciso ter em mente o contexto político, social e cultural no qual ele estava inserido. Segundo Anthony Trollope (1881) Marcus Tullius Cicero nasceu 106 anos

antes de Cristo, em uma família equestre no estado de Arpino, que se localizava entre Roma e Cápua e que possuía a cidadania romana (Cf. TROLLOPE, 1881, p. 40). Cícero nasceu em um momento posterior a helenização, de forma que os reflexos desse processo ainda podiam ser observados. O Helenismo foi, segundo Osmar Souza e José Melo (2010), um período caracterizado por uma grande difusão e fusão da cultura grega com valores de outras culturas de povos conquistados por Alexandre Magno. De acordo com Roberto Castro (2014), foi no período helenístico que se desenvolveram as filosofias helenísticas, a saber: o estoicismo, o epicurismo e o ceticismo, correntes de pensamento que estiveram na formação de Cícero. Castro (2014) afirma sobre o fim do período helenístico que:

O final do período helenístico pode ser determinado pela conquista do império macedônio – então já fragmentado – pelos romanos, em 146 antes de Cristo. Era o término de uma gloriosa civilização que deixou profundas marcas na história e até hoje molda o pensamento e o agir da sociedade ocidental. (CASTRO, 2014, p. 71)

Assim, apesar de ter nascido após o período de helenização, em sua trajetória o orador teve profundo contato com as filosofias gregas que foram cruciais para a construção do seu pensamento político. A corrente que mais influenciou Cícero foi o estoicismo. Escola de pensamento inaugurada no final do século II a. C por Zenão de Cício, tinha como principal conceito a virtude que seria o “movimento natural de todo animal em se auto preservar e viver segundo a natureza” (MOURA, 2012). E não apenas na vida de Cícero, mas também no contexto de formação romana a cultura grega teve extrema importância. Roma não sucedeu à Grécia, mas sim se desenvolveu paralela ao helenismo (Cf. GRIMAL, 1993).

A respeito da doutrina estoica Françoise DomimiqueValéry (2011) afirma que:

Segundo relata Paulo Nader (2000), sob a influência de Heráclito, os estóicos adotaram uma filosofia panteísta, sustentando que o universo seria conduzido por um princípio geral, logos, a razão. Assim sendo, o mundo da matéria estaria impregnado de racionalidade, e o homem seria essencialmente racional. Assim como os cínicos, os estóicos pensavam que o homem deveria viver de acordo com a natureza, em busca de aperfeiçoamento espiritual e racional, superando as suas paixões e os condicionamentos sociais externos. “Estando o universo animado pela razão, esta seria a fonte suprema a orientar os homens e suas leis” (NADER, 2000, p. 113). (VALÉRY, 2011, p. 96)

Valéry ainda menciona que essa escola de pensamento propiciou uma defesa do homem sábio que seria aquele que buscasse o acúmulo do conhecimento, o equilíbrio, uma vida harmoniosa com a natureza, uma vida pautada pela ética, mas também favoreceu para o surgimento de uma ética despreocupada com a esfera política da vida por trazer as reflexões para o campo do subjetivo, do pensamento individual e introspectivo (Cf. VALÉRY, 2011). Sobre a recepção do estoicismo em Roma, Françoise Valéry diz que

Constata-se assim que o estoicismo, enquanto atitude mental de aceitação do destino, gerou no ser humano uma busca pela realização racional e espiritual, interna e individual, utilizando-se de técnicas voltadas para a introspecção. Separados espiritual e intelectualmente do convívio com outros homens, os adeptos da nova filosofia procuravam o isolamento, ostentando certo desprezo pelas questões políticas. Apesar disto, contribuíram para a reflexão sobre o pensamento jurídico romano e para o fortalecimento de uma ética jurídica, com sua compreensão de direito como um conjunto de normas éticas, universalmente válido, atemporal, graças à interpretação que Cícero deu dos ensinamentos estóicos. (VALÉRY, 2011, 98)

Apesar da grande presença das ideias gregas no contexto romano é de notar que a postura do Senado em relação a esses pensamentos era de profunda desconfiança, especialmente no que tange o pensamento democrático ateniense. Isadora Bernardo (2012) diz que o Senado mantinha a república de forma que mesmo o povo sendo livre, poucos assuntos eram debatidos por ele, de modo que os assuntos eram geridos pela autoridade, instituição e costumes do senado, onde teoricamente o cônsul tinha poder pelo período de um ano, mas na prática era quase régio (2012, p. 46). Quando foi solicitado pelo povo mais potestade, foram instituídos os tribunos da plebe, para pleitear com isso a diminuição do poder do senado, como aponta Isadora Bernardo (2012).

Entender a dinâmica política de Roma é fundamental para entender a defesa de Cícero não apenas em relação a Archias, mas também em relação ao ensino, pois as esferas da política e da educação caminham juntas. Deste modo, falar sobre o ensino e sobre o pensamento filosófico romano é falar sobre a maneira que se procedia a política e as artes. Para os romanos, a cidadania era uma temática de suma importância, sendo a *libertas* um conceito chave para entender o proceder em Roma. A *libertas* estava associada a pertencer a cidade, era assegurada por lei e não era extensiva ou universal como a visão que se tem na contemporaneidade, era assegurada apenas dentro da *gens*, da família. Para além do pertencimento a cidade, ser livre em Roma implicava, também, em uma boa con-

duta moral. Ao abordar a temática da liberdade, Isadora Bernardo (2012) afirma:

Ser livre é agir ou fazer alguma coisa em conformidade com a natureza, isto é, no caso do homem, ser um concidadão virtuoso. De acordo com o Brunt, quando trata dos diversos sentidos de liberdade em Roma, o homem é livre para realizar suas ações de acordo com a natureza, isso quer dizer que o homem não é livre para fazer tudo que ele quer, pois fazer o que ele quer pode implicar em ações viciosas e agir de acordo com a paixão não é ser livre. (BERNARDO, 2012, p. 40)

Ao longo dos escritos de Cícero é possível reparar a introdução da ideia de artes excelente, ou artes liberais, que para o autor era o que definia a cidadania, ser versado nas artes livres. Para ele a essência de ser humano é a cultura. Não bastava ser um aristocrata, se não fosse capaz de admirar as artes, as letras, a literatura. Tendo em mente que o próprio Cícero era um “novo homem”, ou seja, tinha origem pobre e conseguiu ascender socialmente, pregar que o que faz com que um indivíduo se torne um ser humano é a busca pela sabedoria, pela instrução é validar a si próprio dentro da sociedade, não apenas o poeta que defendia. Pode-se dizer que o discurso de Cícero é mais político que jurídico.

### **3. *Pro Archia: uma tradução filológica***

Maria Luísa Fernandez Miazzi em seu livro “Introdução à linguística românica” afirma que se atribui o nome de filologia românica aos estudos das línguas e literaturas românicas, desde as origens mais remotas até os dias atuais. Segundo Miazzi (1976, p. 19) “os estudos românicos surgiram no século XIX, como aplicação do método da gramática comparada, lançada por Franz Bopp”. Ele estabeleceu, segundo o critério genealógico, um parentesco das línguas. Com o sistema de Conjugação do Sânscrito, onde em comparação com o grego, persa, germânico, latim, da Gramática comparada do Sânscrito, zend, armênico, grego, lituânico, latim, antigo eslavo, gótico e alemão, que Bopp demarcou o início da Linguística (Cf. MIAZZI, 1976). Deste modo, a tradução feita neste trabalho segue a tradição filológica, buscando uma tradução termo a termo e em comparação com a língua portuguesa.

A respeito da defesa de Cícero a professora da Faculdade de Letras de Lisboa Maria Isabel Rebelo Gonçalves, ao desenvolver uma tradução comentada da obra “Em defesa do poeta Árquias”, de Cícero, inicia esse trabalho com uma introdução onde traz algumas informações a respeito de Árquias. Segundo a autora, Árquias era um poeta grego que

por esforços próprios e por ter amigos influentes (os Luculos) obteve a cidadania em Heracleia, aliada de Roma (Cf. GONÇALVES, 1986). Contudo, por motivos não encontrados o poeta é acusado de ter falsificado sua cidadania e com isso passa por um processo legal que conta com a ajuda de seu antigo pupilo Cícero (Cf. GONÇALVES, 1986).

O fragmento a seguir é o quinto parágrafo da defesa de Cícero. Para desenvolver a tradução, foi destacado inicialmente os verbos para facilitar o processo de localização das orações. Em seguida, cada uma das orações foram formadas. Sabendo que, apesar do português se originar na língua latina, são línguas distintas ao passar um texto de uma para outra foi preciso fazer algumas alterações para que o sentido seja mantido.

No primeiro, segundo e terceiro parágrafo, o orador capta a benevolência do público. Diz que se há algum engenho, algum talento nele isso se deve a formação que recebeu de seu antigo mestre Archias. Pede ainda que concedam a ele permissão para defender seu antigo instrutor de uma forma diferente, discorrendo mais sobre os estudos humanísticos e literários, algo que ele diz ser um “estilo oratório quase novo e inusitado” (GONÇALVES, 1986, p. 19). A partir do quarto parágrafo o autor começa a falar sobre o réu. Inicia sua fala abordando a trajetória de Archias de sua infância e origem em família rica de Antioquia (Cf. GONÇALVES, 1986). Em todo tempo Cícero reforça o empenho de Archias nos estudos das artes liberais e a fama que começou a se criar acerca de seu nome.

#### Cícero Pro Archia, 5:

*Erat Italiatunc plena Graecarum artium ac disciplinarum, studiaque haec et in Latio vehementius tum **colebantur** quam nunc eisdem in oppidis, et hic Romae propter tranquillitatem rei publicae non **neglegebantur**. Itaque hunc et Tarentini et Regini et Neopolitani civitate ceterisque praemiis **donarunt**; et omnes, qualiquid de ingeniis **poterantiu dicare**, cognitione atque hospitio dignum **existimarunt**. Hac tanta celebritate famae cum **esset** tam absentibus **notus**, Romam **venit** Mario consule et Catulo. **Nactus est** primum consules eos, quorum alter res **ad scribendum** maximas, alter cum res gestas tum etiam studium atque auris **adhibere** posset. Statim Luculli, cum praetextatus etiam tum Archias **esset**, eum domum suam **repperunt**. Sic etiam hoc non solum ingeni ac litterarum, verum etiam naturae atque virtutis, ut domus, quae huius adulescentiae prima **fuit**, eadem **esset** familiarissima senectuti.*

#### Tradução própria:

A Itália era naquele período, cheia de artes e disciplinas gregas, esses estudos estavam sendo cultivados no Lácio mais do que agora, e eram os mesmos ensinados nas cidades, de modo que, até aqui em Roma, para o bem da tranquilidade da República eles não eram negligenciados. Por causa

disso, os Terentinos, os Reginos e os Napolitanos o recompensaram com a cidadania e outras honras, e todos eles, que eram capazes de julgar qualquer coisa sobre talento acreditaram que ele era digno de conhecê-los e de se hospedar. Por causa do grande crescimento de sua reputação, a qual mesmo estando longe o precedia, ele veio a Roma no consulado de Mário e Catulo. Coube a ele, estes dois cônsules, os quais podiam oferecer-lhe, o primeiro, elevados temas sobre os quais veio a escrever, e o segundo, não apenas ações, mas também incentivos ao estudo e ouvidos atentos. Mesmo Archia ainda usando a toga de orla púrpura, foi de imediato apoiado pelos Luculos que o receberam em sua casa. Assim, ele não era apenas um gênio das letras, mas também um homem virtuoso por natureza, de forma que a casa que o acolheu na adolescência continuou sendo para ele muito familiar até mesmo na velhice.

O “naquele período” do início da tradução, faz referência ao quarto parágrafo onde Cícero fala a respeito da fama do professor. É de se notar que o orador faz questão de falar sobre a valorização das ciências no Lácio e seu declínio em importância. Neste fragmento é possível observar que a intenção do autor é muito maior que a defesa do mestre, ao falar que as ciências eram mais valorizadas anteriormente em Roma ele reforça sua posição política. De modo que, defender Archia em seu discurso é também defender a importância do ensino das artes liberais.

Na oitava linha, em *consules eos* observa-se o uso estilístico do pronome, isto porque *eos* seria equivalente a “eles”, contudo, na tradução o melhor termo a usar seria “estes”. Assim, o uso desse *eos* é para que o texto não fique repetitivo, mostrando assim uma grande versatilidade e erudição de Cícero. Outro termo a se notar é o “ac” na décima primeira linha, *ac* tem o mesmo sentido de *et*, mas é pouco usado sendo recorrente apenas em textos clássicos. O *praetextatus* da décima linha, seria algo como pré togado, este termo se refere a toga de orla púrpura, ou toga *praetexta*, que era usada pelos jovens que ainda não alcançaram a maioridade. Algo interessante de pontuar é o fato desta vestimenta ser o símbolo de cidadania, apenas os homens da cidadania romana podiam usar esta roupa, assim nesta sociedade a distinção social era bem demarcada. De forma que mesmo Archia alcançando a vida adulta, ainda não usava as roupas de distinção dos cidadãos maduros.

No pensamento político ciceroniano, podem-se observar quatro elementos do estoicismo presentes, são eles: a ideia de que a meta fundamental da vida é viver de acordo com a natureza, o pensamento de que somos feitos para viver em comunidade, a noção de que temos que pensar no universo todo como uma única entidade política, e por fim, que os homens sábios devem ser engajados na vida ativa, na política, e devem ser homens políticos (Cf. BEERNARDO, 2012, p. 17). Este engajamento

deveria passar pelo cultivo das artes e filosofias que tornavam o homem virtuoso. A ampla formação filosófica de Cícero, bem como sua defesa às Artes Liberais, trouxe diversas contribuições para o contexto romano, Isadora Bernardo afirma a respeito disso que:

Deste modo, temos que considerar que a filosofia passou a ser expressa em latim dentro de uma tradição republicana em que os políticos também eram homens sábios o estoicismo foi eleito para fundamentar a reflexão sobre a *respublica*. Podemos observar na obra de Cícero – que opera constantemente com a questão da virtude do ponto de vista prático e teórico, seguindo lições de Panécio – que a virtude dos homens se aproxima da dos deuses na conservação e na fundação das *ciuitates*. Em Roma, para Cícero, a figura do sábio não estava afastada da vida política, pois escrever era útil a república, assim como agir e ter um cargo público. Desse modo, elabora-se uma nova figura do homem sábio, educado Nas artes liberais, nos costumes romanos e na vida pública. Assim, a figura do sábio é a figura do sábio político, aquele que participa na vida pública, como Cipião (BERNARDO, 2012, p. 20)

Não apenas nas defesas de Cícero, mas também em outras obras como “A república” a visão do orador de cidadão passa pelo homem que é formado nas artes liberais, que é dotado não apenas de conhecimentos, mas principalmente de virtude. Defender o direito à cidadania do seu mestre é defender, em certa medida a sua própria posição social. Outro aspecto importante do discurso ciceroniano é que seu pensamento político reflete diretamente na sua concepção de educação.

#### **4. As artes liberais e a fundação do humanismo baseado no pensamento ciceroniano**

Pode-se dizer que o embrião do humanismo está na obra de Cícero, que por sua vez defendia o empenho nos estudos das artes livres. Elas estavam presente no desenvolvimento intelectual romano, mas foram fundadas nas escolas de pensamento gregas. Nas correntes pedagógicas gregas predominantes encontravam-se as ideias de Platão e em contraposição as ideias de Isócrates. A escola de Platão defendia a filosofia como meta dos estudos enquanto Isócrates defendia a retórica e a persuasão política. O modelo que prevalece em Roma foi o de Isócrates, sobre a ótica desses princípios que Cícero e Quintiliano escreveram suas obras (Cf. NUNES, 1975). No caso de Cícero, contando ainda com o estoicismo e alguns princípios aristotélicos.

Para obter uma maior compreensão nos estudos das Artes Liberais Ruy Afonso da Costa Nunes propõe uma divisão em duas partes



temporais distintas: uma que compreende desde a Queda do Império Romano em 476 d. C. até o século XII; e a outra que corresponde ao período do século XII até o advento do humanismo renascentista no final do século XIV. As Artes Liberais correspondiam ao Trívio e o Quadrívio. O Trívio seria, como o nome indica, os saberes triviais a todos, que eram: a Gramática, a dialética (lógica) e a retórica. Já o Quadrívio era composto pela geometria, pela aritmética, pela música e pela astronomia.

Após a queda do império romano, o que se observa no mundo é o início de uma Era que posteriormente ficou conhecida como Medieval. O historiador Hilário Franco Júnior na introdução do seu livro “A Idade Média: nascimento do Ocidente” fala sobre o (pré)conceito em relação a Era Medieval, discorre sobre a visão negativa que os renascentistas do século XVI direcionavam a este período. O próprio termo “Idade Média” é preconceituoso se considerar que é *a posteriori* já que os próprios coevos não se denominavam desta maneira, afinal chamar essa temporalidade de “média” era uma forma de dizer que mediava dois expoentes: a antiguidade clássica e o renascimento. Um dos pensamentos que os renascentistas mantinham em relação a Era Medieval era de “Idade das trevas”, “uma interrupção no progresso humano, inaugurado pelos gregos e romanos e retomado pelos homens do século XVI” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 10).

Hilário Franco Júnior (2001, p. 9-10) afirma que “Opunha-se o século XVI, que buscava na sua produção literária utilizar o latim nos moldes clássicos, aos séculos anteriores, caracterizados por um latim “bárbaro”” Se por um lado os intelectuais do Renascimento, inicialmente por uma questão filosófica, rotulam este período como atraso por outro ignoram o fato de que o seu dito “progresso” e “cultura” não seria possível sem a produção medieval, tanto nos monastérios beneditinos e suas cópias dos textos clássicos, e as produções intelectuais das Artes Liberais e gramáticas como de Prisciano. Contudo, esse conhecimento era restrito aos estratos sociais mais altos e estava desvinculado da vida cotidiana (Cf. VALVERDE, 2003), deste modo o surgimento do movimento renascentista trouxe uma inovação em relação ao que havia se observado ao longo da Idade Média, durante o Renascimento:

Renascimento, a ciência e a erudição, a tecnologia e a arte diferenciavam-se numa medida relativamente pequena da vida cotidiana [...] a dissolução do sistema de ordens sociais liquidou a associação entre a ciência e o privilégio. Deste ponto de vista, a organização da Academia Platônica em Florença constituiu um acontecimento que marcou uma época; era a primeira escola de filosofia independente do velho enquadramento da Igreja e da universidade e, além disso, inteiramente secular e aberta, no sentido

de que estava em princípio aberta a qualquer homem pensante, pelo menos a todos que pensavam de maneira platônica. (HELLER, 1982 *apud* VALVERDE, 2003, p. 64)

O humanismo renascentista só foi possível graças ao acesso a obras filosóficas como as obras platônicas e discursos como o de Cícero que traziam em si diversos valores e princípios que foram basilares para fundação de uma nova forma de se relacionar com a educação, ou melhor, um refinamento do pensamento que desde a época clássica já se ouvia falar. A exemplo disso, pode-se notar que nas obras de Cícero há uma defesa das artes livres como forma de alcançar a virtude, mais do que isso, como algo que é inerente a humanidade, ideia que chega ao pensamento humanístico do renascimento. O orador aponta no parágrafo 2:

**Cícero, *Pro Archia*, 2:**

*Ac ne quis a nobis hoc ita dici forte miretur, quod alia quaedam in hoc facultas sitingeni, neque haec dicendi ratio aut disciplina, ne nos quidem huic uni studio penitus umquam dediti fuimus. Etenim omnes artes, quae ad humanitatem pertinent, habent quoddam commune vinculum, et quasi cognatione quadam inter se continentur.*

**Tradução própria:**

E para que ninguém de nós, por acaso, se maravilhe com o que está sendo dito, tendo ele aptidão inata e não apenas ao exercício deste estudo (retórico), digamos que nunca nos dedicamos totalmente a este único saber. Pois todas as artes, que são pertinentes a humanidade, possuem um vínculo comum e estão ligadas por uma certa relação de parentesco.

Cícero demonstra que ao longo de sua trajetória, não apenas ele, mas Archias também, se dedicaram a várias artes, pois todas elas possuem uma relação e são cruciais a construção da cultura que define o ser humano. O autor aponta sua forma de escrever como uma nova maneira de ler a oratória, uma forma nova de discursar.

**Cícero, *Pro Archia*, 3:**

*Sed ne cui vestrum mirum esse videatur me in quaestione legitima et in iudicio publico – cum res agatur apud praetorem populi Romani, lectissimum virum, et apud severissimos iudices, tanto conventu hominum ac frequentia – hoc uti genere dicendi, quod non modo a consuetudine iudiciorum, verumetiam a forensi sermone abhorreat; quaeso a vobis, ut in hac causa mihi detis hanc veniam, ad commodatam huic reo, vobis (quem ad modum spero) non molestam, ut me pro summo poeta atque eruditissimo homine dicentem, hoc concursu hominum literatissimorum, hac vestra humanitate, hoc denique praetore exercente iudicium, patiamini de studiis humanitatis ac litterarum paulo loqui liberius, et in eius modi persona, quae propter otium ac studium minime in iudiciis periculisque tractata est, uti prope novo quodam et inusitato genere dicendi.*

**Tradução própria:**

Contudo, pode parecer a vocês surpreendente que - em uma audiência pública discutindo assuntos legais julgados por um pretor romano, eminentíssimo varão, e ante juízes severísimos e perante tal assembleia e multidão de pessoas - eu use um estilo oratório, que não é por costume empregado em tribunais de justiça, nem em discursos forenses. Por isso imploro, que nesta causa me concedam tal uso a este réu. Vocês, (a quem espero) não incomodar, ao pedir que ao defender este poeta eruditíssimo e orador talentoso, ante multidão tão letrada possa rogar que me concedam a bondade e generosidade, de poder discorrer, com tal pretor a presidir o julgamento, mais livremente sobre os assuntos humanísticos e literários. Permitindo-me falar a favor de alguém que por seu ócio e estudo, jamais se envolveu com atribuladas questões judiciais, empregando um novo tipo de arte e estilo incomum de oratória.

O próprio ineditismo da oratória de Cícero demonstra como sua defesa vai muito além de questões judiciais, se configurando como uma defesa da própria arte. O orador inaugura uma forma nova de discursar que serviu posteriormente de base para fundação da escola do pensamento humanístico. O incentivo ao estudo de diversas áreas chegou até Erasmo de Roterdam que em seus escritos defendia a educação, a respeito deste pensador Sidnei do Nascimento (2007) afirma:

Erasmus de Roterdam, filósofo, teólogo, educador, conselheiro do Imperador Carlos Quinto, simpatizante da Reforma e dos luteranos, mas, ao mesmo tempo, convicto de sua adesão à Igreja Oficial de Roma. Um homem de letras que sabia o latim, o grego, um aprendiz do idioma hebraico que recorria à veritas hebraica de Jerônimo e aos saberes hebraizantes de seu tempo, tais como os de Ecolompádio e os de Capiton. Era a favor de uma educação liberal que privilegiasse as disciplinas como a poética, retórica, história, o conhecimento da Antiguidade, aritmética, geografia, ética, política e as ciências naturais. (NASCIMENTO, 2007, p. 49)

Em suas obras, Erasmo oferece um novo método de ensino para favorecer o interesse dos discentes e auxiliar no seu desenvolvimento intelectual e moral. Neste modelo, para ensinar a escrever o autor acredita que a gramática reclamava para si o primeiro lugar, assim, dentre os gramáticos gregos ele cita Teodoro de Gaza e ConstantimLascaris, e, entre os latinos, Diomede, Nicolas Perotti e Donato (Cf. NASCIMENTO, 2007). Sidnei do Nascimento ainda aponta que:

E para falar corretamente, Erasmo considera a conversação essencial. O professor deve se utilizar das obras de Luciano, Demóstenes e Heródoto, entre os poetas: Aristófanes, Homero, Eurípedes, Menandro; entre os latinos: Terêncio, as comédias de Plauto, desprovidas de obscenidades, Virgílio, Horácio, Cícero e César. Para tirar proveito mais rapidamente e de maneira mais completa desses autores, Erasmo propõe ao professor que

indique aos seus alunos Lourenço Valla, para que se espelhem em sua elegância e no refinamento da língua latina. Depois de aprender a falar, o espírito deve se aplicar à inteligência das coisas: o conhecimento científico. (NASCIMENTO, 2007, p. 50)

Cícero não apenas serviu de base para formação de Erasmo de Roterdam como era para ele um autor que devia ser passado adiante pela qualidade de suas obras. Erasmo ainda defendia que “para o primeiro contato com a Filosofia, é necessário estudar os pensadores gregos antigos, como Platão, Aristóteles, seu discípulo Teofrasto, depois Plotino” (NASCIMENTO, 2007, p. 51). É perceptível que para este pensador renascentista muito além de aprender com Cícero, era fundamental também se instruir com os autores que o próprio orador leu.

### 5. *Considerações finais*

Conclui-se que o pensamento ciceroniano, desenvolvido ao longo de sua formação nas escolas de pensamento grego, tinha como base a defesa das artes liberais. Para o orador, as artes são muito mais do que manifestações culturais, elas são aquilo que caracteriza o “ser” humano. A *humanitas* de Cícero pode ser lida como os conhecimentos que se cultivam ao longo da vida no cuidado zeloso ao aprender as artes liberais que caracteriza o homem como cidadão e como um ser virtuoso. Tal defesa as artes não apenas continuou existindo ao longo da Idade Média como foi desenvolvido até o advento do Renascimento humanista que usou os escritos de Cícero e de vários outros autores clássicos para fundar uma metodologia de educação.

No ensino humanístico os diferentes saberes, que hoje separamos em áreas e disciplinas, não apenas eram vistos como necessários como também eram tidos como complementares. Cícero defendia que as artes tinham uma origem comum e que estudar um pouco de cada uma delas era importante, algo que o humanismo traz como forma de pensar a educação. A metodologia desenvolvida por Erasmo de Roterdam e por vários autores humanistas ao longo dos séculos não apenas sobreviveu ao tempo, como até hoje pode ser observado nas instituições de ensino superior. Assim, falar sobre os autores clássicos não é resgatar uma forma de pensamento não mais existente, e sim entender a dinâmica da própria produção de conhecimento científico hoje, pois tais ideias passaram por algumas transformações, mas em nenhum momento da história viveram um processo de descontinuidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Isadora. *O De Re Publica, de Cícero*: natureza, política e história. Universidade de São Paulo, 2012

CASTRO, Roberto C. G. A Grécia antiga: uma visão panorâmica. *International Studies on Law and Education* 17, mai-ago 2014.

CÍCERO, Marcus Tullius. *E defesa do poeta Árquias*. Introdução, tradução e notas de Maria Isabel Rebelo Gonçalves. 2. ed. Lisboa: Editora Inquérito Lda. 1986.

COELHO, João Paulo Pereira. PEREIRA MELO, José Joaquim. *A constituição histórica da humanitas latina em Cícero e Sêneca*. Universidade Estadual de Maringá. Maio de 2012

GRIMAL, Pierre. *A civilização Romana*. Lisboa: Edições 70, 1993

KOERNER, E. F. Konrad. *Quatro décadas de Historiografia Linguística*: estudos selecionados. Braga: Publito, Estúdio de Artes Gráficas, 2014.

LIMA, Nelci Vieira de. Historiografia Linguística: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. *Caderno de Pós-Graduação*, v. 16, n. 1, São Paulo: Mackenzie, 2016.

MIAZZI, Maria Luísa Fernandez. *Introdução à linguística românica*. S. Paulo: Cultrix, 1976

NASCIMENTO, Sidnei Francisco do. Erasmo de Rotterdam e a educação Humanística Cristã. *Rev. Filos.*, v. 19, n. 24, p. 47-60, jan./jun. 2007

NUNES, Ruy Afonso da Costa. As Artes Liberais na Idade Média. *Revista de História*, v. LI, n. 101, 1975.

SOUZA, Osmar Martins de, PEREIRA MELO, José Joaquim. *O Helenismo*: consolidação de uma nova ordem social e de uma nova mentalidade. In: VIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais. Universidade Estadual de Maringá. Publicado em agosto/2010

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Revista Confluência*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, v. 44-45, 2014

\_\_\_\_\_. Linguistic historiography: object, methodology, modelization. *Todas as letras*, v. 14, n. 1, 2012.

TROLLOPE, Anthony. *The Life of Cicero*. New York, 1881. (Vol. I)

VALÉRY, Françoise Dominique. Influência do Estoicismo sobre Marco Túlio Cícero e o Pensamento Jurídico Romano. *FIDES*, v. 2, n. 2, Natal, jul./dez. 2011

VALVERDE, Antônio José Romera. Humanismo, ciência, cotidiano sob o Renascimento. *MARGEM*, n. 17, p. 63-71, São Paulo, jun.2003.